

O CALCANHAR D'ACHILLES

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O CALCANHAR D'ACHILLES

ALBUM DE CARICATURAS

GRAVADAS

AGUA FORTE

PELO AUCTOR



LISBOA

MDCCLXX

ESTAMPADAS

NA
ACADEMIA DAS BELLAS ARTES

DE LISBOA

RODRIGUES ESTAMPOU

GRAVURAS

AGUA FORTE





O CALCANHAR D'ACHILLES

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O CALCANHAR D'ACHILLES

ALBUM DE CARICATURAS

GRAVADAS A AGUA FORTE PELO AUCTOR



LISBOA

IMPRESA DE JOAQUIM GERMANO DE SOUSA NEVES

65 - RUA DA ATALAIA - 67

M DCCC LXX

Reg. n.º 8155

REG. 313



o V. testemunha da minha sincera admiração quando no dia 27 de novembro do anno passado teve a bondade de me apresentar as suas engraçadas e originalissimas caricaturas, e como V. benevolmente consentiu que eu as mostrasse a muitas pessoas, pude afirmar-lhe, passados alguns dias, que ninguem as vira, homem, senhora ou creança, sem manifestar satisfação igual á que me causaram e sem applaudir muito a sua feliz inspiração.

Este foi então o parecer geral. Devo porém accrescentar que aos homens versados no conhecimento das artes e apaixonados da gloria nacional euvi dizer que se a França, desde Callot até Gavarni e Cham, se honra com longa e nunca interrompida serie de caricaturistas, se o *Punch* ainda hoje revela ao mundo inteiro a supremacia dos artistas inglezes desde o engenhoso Cruishenck até aos nossos dias, se a Italia tem mantido sempre n'este assumpto os seus creditos artisticos, se a Hespanha se gloria das caricaturas do aragonez Goya e dos numerosos discipulos de tão notavel mestre, e se a flegmatica Alemanha procura competir em originalidade e perfeição com os caricaturistas das outras nações, era muito para louvar que um portuguez entrasse tambem na lice em que até os americanos

do norte e os brasileiros se têm apresentado galhardamente. Presta V. pois um serviço importante á arte nacional, e mantendo-se nos limites do gracejo inoffensivo dá a todos generoso exemplo.

Não imaginava eu então que me caberia a honra de figurar na primeira pagina do seu album; que a sua bondade me dispensaria distincções successivas e tão superiores aos meus acanhados merecimentos, e que me pediria licença para dar publicidade ás caricaturas em que a V. approuve collocar-me. Prézo-me de tão repetidas finezas, e ao agradecel-as mui cordialmente noto que V. requerendo a permissão de nos honrar a todos quantos entramos no seu precioso Album, deu provas de singular modestia e inexcedivel cortesia. As suas caricaturas são dignas de andarem nas mãos de todos para gloria do paiz, credito de V. e gosto dos caricaturados que não tiverem adoptado por divisa o *Noli me tangere* dos latinos.

É magnifica a composição da primeira e apurado o gosto com que V. dispoz os ornatos, mas permitta-me que não diga mais a respeito d'ella. Tenho pejo de me ver na primeira plana cercado de tanta gente mais valiosa do que eu, e receio que a altura a que me elevou a sua benevolencia, me desvança o entendimento. Tratemos das outras caricaturas.

Foi acertada a lembrança de fazer que saísse de uma flor o nosso

→ mimosíssimo poeta Eduardo Vidal cujos versos rescendem aos aromas dos jardins, e são graciosos como os amores que lhe esvoaçam á roda.

→ Engraçadíssima é a caricatura relativa ao grande historiador português e sobre engraçada philosophica. Em Portugal parece regra com mui raras excepções que os homens de letras acabem por vender azeite, se o possuem, ou por vender a camisa, o que é mais vulgar ainda. São excellentes as figuras que á porta da Academia lastimam a transformação do chorado socio em lavrador do Ribatejo.

→ Com chistosa felicidade lhe correu o lapis na caricatura de Pinheiro Chagas, vestido de *Morgadinha de Valflo*r e recebendo as homenagens de Francisco Palha em quanto vão mettendo a viola no sacco varios dramaturgos, e só resistem ao esplendor de tão mercedo triumpho os auctores das magicas. São retratos as figuras microscopicas que vão subindo pelo vestido da *Morgadinha*, e no meu entender merecem especial attenção. Tambem ha philosophia n'esta caricatura. Aquelle genio que distribue coroas ao auctor e dinheiro ao empresario, está indicando a mesquinha proporção que existe entre o modesto premio dos homens de letras e os lucros comparativamente avultados dos theatros.

→ Se estivesse perto de mim quando pela primeira vez lancei a vista á caricatura do padre mestre Roussado caminhando armado de peru e borracha entre o Ramalho Ortigão e o Julio Machado, ouviria a mais sincera e estrepitosa gargalhada que tenho dado na minha vida. Tres magnificas figuras de tres homens notaveis cujos talentos são de mui diversa especie, mas cujos corações são todos de ouro e de equal quilate. Feliz caricatura! Sim senhor. Muito feliz. Com que alvoroço a não receberá em Cadix o nosso Roussado pouco depois de lhe terem

chegado á mão as HISTORIAS CÔR DE ROSA, perfumado ramilhete de Ramalho Ortigão, e os QUADROS DO CAMPO E DA CIDADE, novíssimo e precioso livro de Julio Cesar Machado!

← Agora temos o meu velho amigo Bullão Pato em extasi poetico, esquecido da caça e ludibriado pelas perlices e pelos coelhos e lebres em cuja perseguição saíra a campo. Descobriu porventura alguma nova *flor agreste* e medita principiar por ella outro volume tão desejado pelos que leram o primeiro. Acaba gentilmente com esta caricatura o primeiro fasciculo da sua obra.

← Não tenho por menos interessante o segundo fasciculo, no qual vejo em primeiro logar o meu amigo Palmeirim cujas poesias o povo canta alegremente por esse reino inteiro. Deu origem a este desenho a contenda em que o illustre poeta teve de acudir pela honra dos seus mais proximos parentes.

← Representa a segunda caricatura o meu saudoso Thomas Ribeiro no momento de partir para a India. Surge dos lados do oriente o astro do dia festejando a visita do poeta o qual já embarcado e apontando para o sol se despede de Silva Gayo e dos numerosos amigos que dos ramos de um chorão lhe estão dizendo adeus. A poesia apontando para a arvore parece dizer-lhe: *Do alto d'aquelle chorão mais de quarenta litteratos vos contemplan*. Está excellente e tem figuras preciosas. Não será dos que menos a admirem, o auctor de D. Jayme, cujo espirito elevado aprecia todos os primores de arte como quem a sabe e professa.

← Em seguida vem a de Rebello da Silva, discretamente imaginada e digna do variado talento e largas aptidões do insigne auctor da *Ultima corrida de touros em Salcatterra*.

← A de Camillo Castello Branco escrevendo a vapor proclama de-

vidamente a admiravel fecundidade do escriptor que aos quarenta annos já tinha publicado mais de quarenta volumes, e que vingou os portuguezes da injuria que nos faziam nacionaes e estrangeiros julgando-nos tão pobres de imaginação que não podiamos primar no romance com a facilidade com que o fizemos na poesia, na historia e em todo o genero de escriptura. Ideia excellente; execução optima.

→ Cá está o meu velho amigo Castilho de lira em punho sobre uma das arvores do seu Tibur em roda da qual giram applaudindo-o todos os homens de letras que sempre acolheu com affecto, aconselhou com amor e celebrou com enthusiasmo. No primeiro plano do desenho figura o alphabeto do methodo repentino, e com rasão lhe deu V. logar avantajado porque no coração do insigne traductor do Ovidio nunca houve desejo mais profundo nem mais perseverante que o de aperfeiçoar o ensino das creanças. Esta caricatura é das melhores.

→ Conclue o segundo fasciculo do Album com a lição do Sr. Viale, uma das mais espirituosas lembranças que V. teve. Na primeira apparencia ha de ter-se por estranho que á voz do sabio professor adormeça o auditorio inteiro, mas quem souber que V. graceja sem aggreir, porá maior empenho em acertar com o sentido do desenho e virá a entender que o somno não proveio do orador mas do assumpto. O Sr. Viale é professor do grego. Eu que estudei grego dous annos posso dizer a quantos tiverem assistido a uma prelecção da lingua de Homero sem ao menos bocejar de vez em quando: *Atirae a primeira pedra ao caricaturista portuguez*. As figuras de Thomas de Carvalho, de Bulhão Pato, de Alexandre Herculano e de tantos outros estão magnificas.

Ahi tem o meu juizo ácerca da sua obra que admiro e celebro.

Parece-me que o titulo de CALCANHAR DE ACHILLES foi escolhido por inspiração da natural delicadesa do seu animo. É obsequioso o epitheto, mas seria desmesurada vaidade que alguém acceitasse o nome do celebre campeão da Grecia, e só lhe não quizesse o calcanhar. O desenho que representa o titulo da obra é curioso e de primorosa execução.

Tenho por acertada a lembrança de não alterar a orthographia das cartas que lhe escreveram os caricaturados. Eu disse em 1862 no prologo do PRATO D'ARROZ DOCE que nós somos o unico povo da Europa que admite anarchia n'esta parte da grammatica. Virá agora o seu Album confirmar o meu dito e mostrar que não houve mudança no assumpto. Em havendo lei orthographica, prometto cumpril-a. Em quanto a não ha, estou como em 1862 redusido a escrever ao acaso e a deixar ao revisor a faculdade de adoptar a orthographia que quiser. Eu pela minha não respondo.

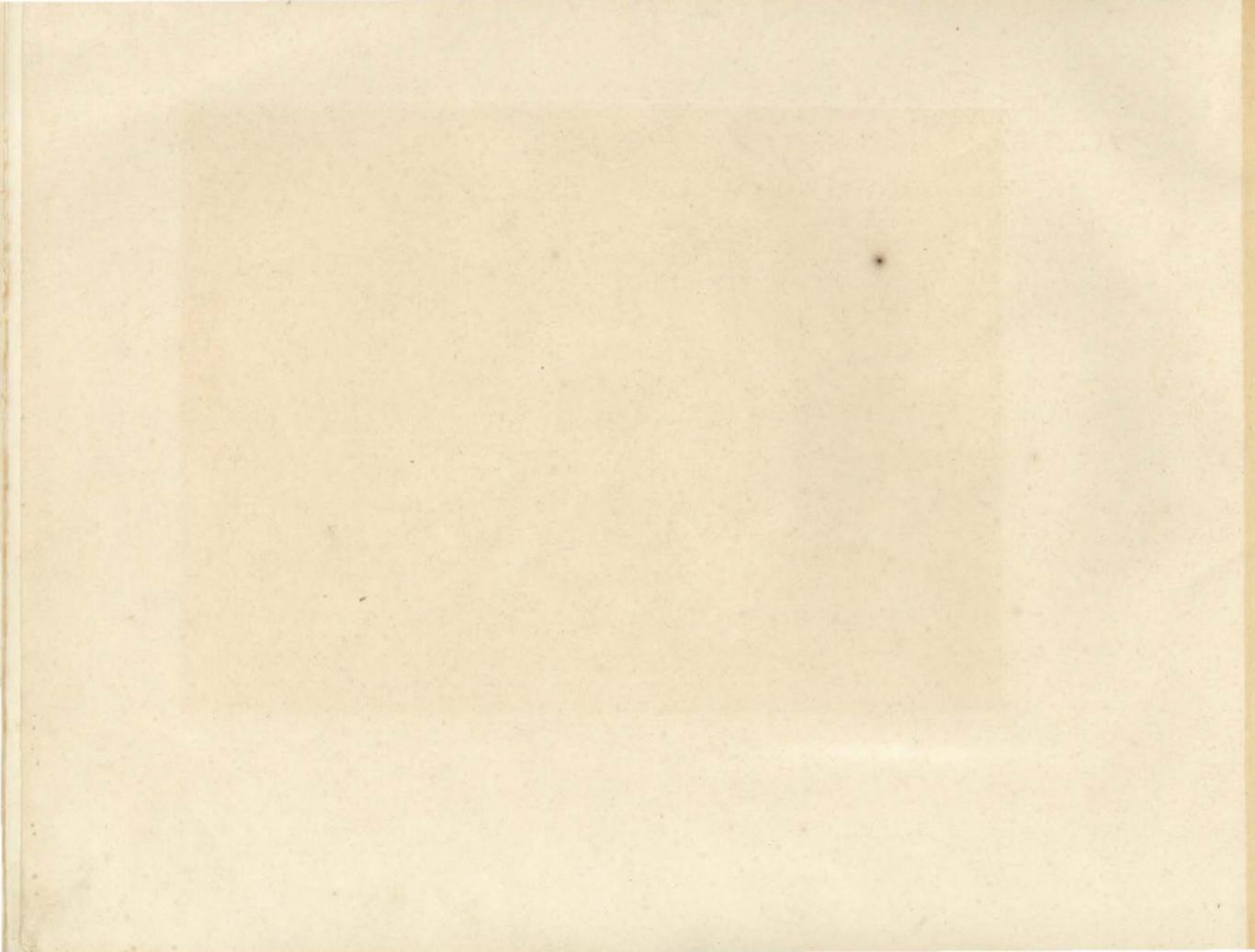
Não desanime e dê publicidade quanto antes ao seu album. É justo saber-se que em Portugal tambem ha caricaturistas de subido merito, e que se não precedemos ao menos seguimos com enthusiasmo o progresso geral das Bellas Artes. V. tem por obrigação trabalhar n'este empenho pois que na sua familia é hereditario o talento artistico, e eu, quanto em mim caiba, festejarei tão briosos esforços como seu

Lisboa — Maio, 1870.

Admirador sincero e amigo

Antonio Augusto de Vasconcellos





MEU ESTIMAVEL AMIGO

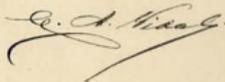
Não só lhe dou auctorisacão para tornar publica a minha *caricatura*, como até lhe agradeço o que ha de amavel na sua fantasia.

Oxalá que os meus versos fossem perfumados, como a flôr de que me faz sair; e graciosos, como tudo o que é do seu lapis.

Creia-me

Seu amigo

Lisboa — Março, 1870.

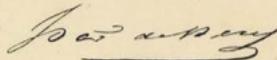


Cuida então o meu amigo
Que é um caricaturista?
Eu tenho-o para comigo
Na conta de retratista.
Porque não vejo figura
Que não seja caricata:
Hoje effigie a mais exacta
E uma caricatura!

Ponho a questião nestes termos
Para que o Bordallo intenda
Que me pode pôr á venda
Caricato.

Até nos vermos.

Lisboa — Março, 1870.



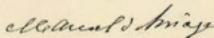
MEU CARO RAPHAEL BORDALLO

Em quanto ao meu assentimento para a publicação da caricatura que me diz respeito, «já que assim o queres assim o tenhas». Lembrar-te-hei no entanto que:

Acho digno de censura
Que faças caricatura
Á minha pobre figura;
Pois meu amigo bem vês:
Que por mais fiel e exacto
Que me faças o retrato,
Has de ter um plagiato
Da que a Natura já fez.

Lisboa — Março, 1870.

Teu amigo e admirador





Ainda que para mim seja mais que duvidosa a necessidade que V. suppoem ter de auctorisação minha para publicar uma caricatura que de modo nenhum offende o meu caracter moral, satisfação os desejos de V. dando-lhe com o maior gosto a permissão que pede.

Aproveito a conjunctura para agradecer a excellente copia que me remette do seu excellente trabalho, ajunctando a isso sinceros parabens pelas provas que dá de talento n'um genero em que os nossos artistas não me parece terem sido até aqui excessivamente felizes.

Sou de V. etc.

Val-de-Lobos — Março, 1870.

A. Humbert

Não tenho duvida em annuir ao pedidó de V. na sua carta de 9 do corrente.

Sou

De V. etc.

Lisboa — Março, 1870.

Conde d'Alentejo

Pede-me V. permissão para aproveitar a minha figura no seu *album* de caricaturas litterarias? Dou-lh'a com tanta satisfação, quanto pasmoo de saber que ella tinha prestimo para alguma cousa.

Offender-me? melindrar-me? Nem por sombras; e estou até com curiosidade de ver como V. pode realizar a empresa de me representar aproveitando o meu *sobriquet* de litterato, porque se á quasi totalidade dos que por ahí assim se denominam, bastaria desenhar-lhes como uma brilhante aureola em torno da cabeça os titulos das suas produções, a mim desafio-o a que mesmo assim seja capaz de o conseguir. Estou, meu caro senhor, com grave receio, de que, desenhando a minha figura, não reste ao seu maravilhoso pincel que inventar para conseguir uma caricatura de litterato. Todavia, o genio é omnipotente.

Tomo, entretanto, a liberdade de lhe mandar o meu retrato. Se vir que não pode fazer delle cousa que valha a pena, conserve-o, ao menos, como lembrança de estima de quem é

De V. Amigo

Lisboa — Março, 1870.

Augusto Soromenho

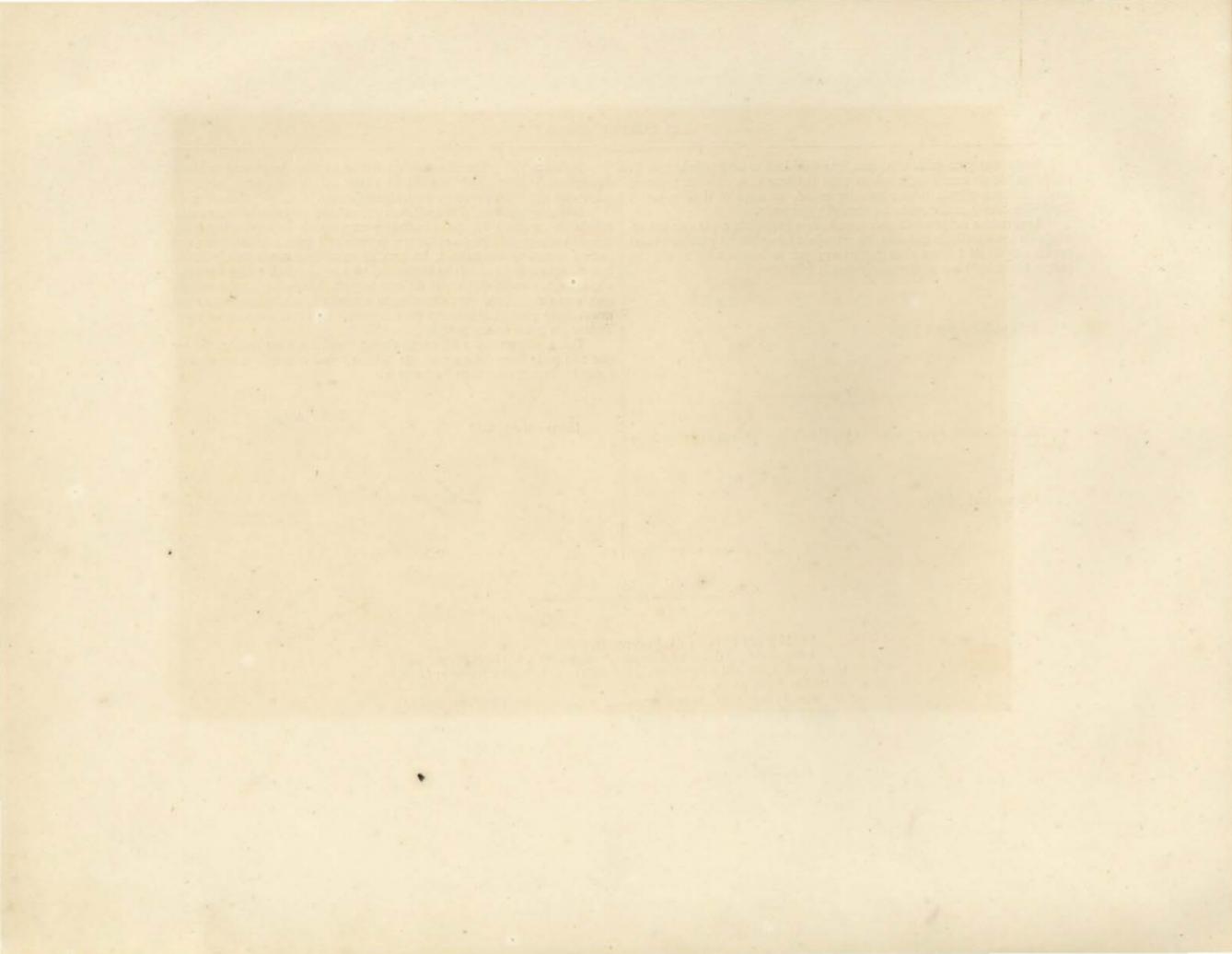
Recebi a sua carta de 24 do corrente.
A liberdade que delicadamente manifesta desejar o seu lapis primoroso, não é preciso concedel-a eu. Estava já concedida pelo legislador Horacio: *Licet pictoribus atque poetis*.

Eu não faço mais do que aproveitar a occasião para lhe testemunhar o muito apreço com que me assigno

De V. etc.

Lisboa — Março, 1870.

Alentejo





AMIGO E SENHOR

Pede-me V. auctorisação para publicar a minha caricatura. Seria uma honra atrahir a attenção da sua veia chistosa e do seu primoroso lapis, ainda que fosse á custa do meu amor-proprio magoado. Mas, nas suas mãos benevolas a caricatura, se é epigramma, é-o apenas na accepção antiga e legitima da palavra, uma composição a que preside um pensamento conceituoso e agudo. A sua formosissima galeria illumina-a um sorriso, ás vezes apenas malicioso, e comigo particularmente amavel. Envio-lhe por conseguinte a minha auctorisação, os meus agradecimentos, e os meus parabens pela collecção, com que tão brilhantemente se estreia, e que hade ser uma das glorias da nossa arte contemporanea.

Creia-me sempre

De V.

Admirador e amigo

Lisboa—Março, 1870.

M. Pinheiro Chagas

Auctoriso o Sr. Raphael Bordallo Pinheiro a publicar a minha caricatura,—publicação que lhe agradeço ainda em cima, porque assim morro na doce convicção de que não irei todo á sepultura.

Lisboa—Março, 1870.

R. Pinheiro

Na minha caricatura
Não consentir, offendido,
Seria oppôr-me á ventura
De me tornar conhecido!...

Consinto—e muito me apraz;
Que o seu lapis, com certeza,
Vae fazer uma proesa...
Que a minha penna não faz!

Lisboa—Março, 1870.

Edmundo Garrido

MEU CARO ARTISTA

Seria impossivel recuzar a auctorisação que V. tão delicadamente pede na sua carta. Dou-lh'a, portanto, plenissima, para que o seu lapis, destinado a conquistar as corças de Cham e de Gavarni, me exponha nas paginas do *album*, que vae illustrar, ao riso inoffensivo dos seus admiradores. Permita-me V. apenas uma observação. A humildade do meu nome, a obscuridade em que prudentemente o tenho conservado, não são, por certo, titulos para lhe merecerem as honras da caricatura, que de ordinario, se intuitos benevolos a inspiram, é uma explicita manifestação de homenagem aos talentos festejados pelas sympathias geraes. Por este motivo, diz-me a consciencia que não tenho direito de occupar um logar no seu *album*, e se faço esta observação, tendente a prevenir a tal respeito os reparos justificados da critica, é principalmente no interesse da obra de V. que não deve desejar incorrer na accusação de lisongeira.

Creia-me

Seu muito admirador e afeiçoado

Lisboa—Março, 1870.

Nic. Carlos Cordeiro

MEU CARO ARTISTA

O retrato é hoje uma vulgaridade, a caricatura é ainda uma distincção. E pede-me o meu amigo licença para me conceder essa distincção! Ficarlhe duas vezes obrigado é simplesmente o que me resta.

Lisboa—Março, 1870.

Emilio Prister

Mal posso escrever: que os meus olhos não me deixam ainda fazel-o: no entretanto, deseioso de responder á sua carta, apresso-me a dizer-lhe, que, não me julgo merecedor da honra que me quer fazer; todavia, se o deseja—cumpra a sua vontade, que respeitarei agradecido.

De V.

Amigo, e irmão nas artes

Lisboa—Março, 1870.

Jose Maria Proença Martins



Tendo estado ultimamente em Sevilha, só ha dias recebi a atenciosa carta de V. de 26 do mez findo.

O meu amigo o Sr. Fernandes de los Rios, actual Ministro de Hespanha nessa córte já se havia dignado escrever-me fazendo a descripção da minha engraçada caricatura que V. me remette agora.

Pede V. a minha authorisação para a publicar! Se V. me tivesse esquecido havia de meter empenhos para que me incluísse na sua primorosa galeria. Com a publicação tenho tudo a ganhar e nada a perder.

Sei que toda a gente gosta de ver favorecido o proprio retracto. É preciso audacia para uma pessoa se apresentar de cara descoberta, depois de uma mintira semellante.

Se todos pensassem como eu, estava em terra a photographia. Os namorados só mandariam suas caricaturas ás namoradas, que haviam de exclaimar cheias de jubilo

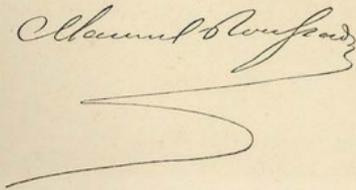
—O demonio não é tão feio como o pintam.

Confesso que soltei uma gargalhada quando vi caricaturada minha pessoa entre as de Julio Machado e Ramalho Ortigão. Parecem-me tres figurões que se dirigem á immortalidade, fazendo escala por Nova Cintra.

Aperto-lhe a mão agradecendo a sua delicadeza, e com muita satisfação me assigno

Cadiz — Março, 1870.

De V. etc.

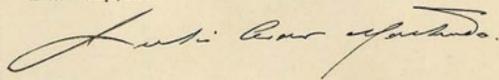


Estou vivamente contrariado de o haver feito esperar. A authorisação estava já subentendida; mas, em todo o caso, aqui lha dou ampla e largamente, tanto mais que em todos os seus trabalhos, muito graciosos e delicados, sempre que encontro o boneco que me representa, sinto o desejo de lhe escrever por baixo, imitando a formula dos tabelliães: «Reconheço a figura supra.»

De V.

Muito admirador

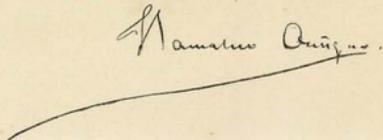
Lisboa — Março, 1870.



Os beneficios com que a celebridade galardôa o litterato portuguez são dois: figurar em photographia nas exposições publicas entre uma bailarina bonita e uma *cocotte* celebre, e passar—a gravura a agua forte cristalizada em caricatura. Eu, que não tenho os minimos direitos ao favor da gloria, tomei já o gosto ao primeiro d'esses prazeres e principio agora a saborear o segundo. Permitta-me, meu talentoso artista, que lhe aperte agradecidamente a mão e que, nada mais tendo que esperar da patria generosa, me despeça de si para morrer consolado no dia em que Deus resolver arrancar-me aos immercidos obsequios em que estou nadando.

Sympathia cordel e saudação fraterna

Lisboa — Março, 1870.





MEU CARO RAPHAEL

Tem licença amplissima para publicar a minha caricatura.
Que ha n'ella de offensivo?
Apenas uma coisa; mas essa é co'a minha vaidade:
Quando o seu lapis me desenhou com a face esqualida, a mão espalma-

da, as pernas como dois finissimos floretes, quer-me parecer que fez mais um retrato do que uma caricatura.

Seja como for, accete um aperto de mão agradecido do seu

Admirador e do seu amigo

Lisboa - Março, 1870.

M. de Albuquerque





LISBOA
IMPRESA DE J. G. DE SOUSA NEVES
63, Rua da Alameda, 67 J.
1870

maximilian
W.